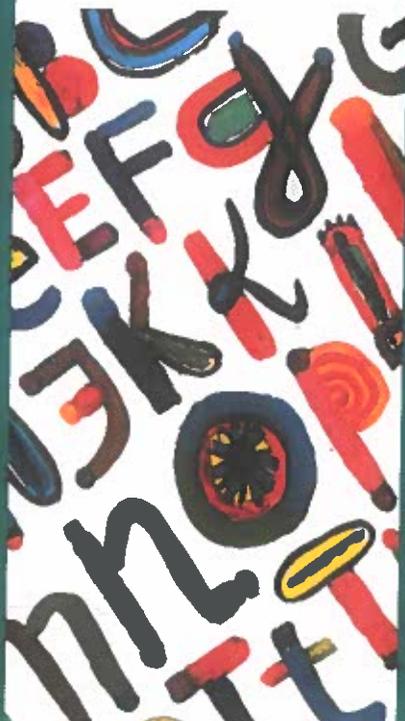


I  
BE  
RO  
GRA  
FI  
AS

REVISTA  
DE ESTUDOS  
IBÉRICOS

N. 19  
2023



Nós como futuro: (re)ler aqui e agora, Eduardo Lourenço <i>Rui Jacinto</i>	9
<b>ROTEIRO EDUARDO LOURENÇO: ROTAS LITERÁRIAS, ITINERÁRIOS CULTURAIS</b>	19 > 157
Geografias literárias e literaturas geográficas: espaço, narrativa e Ser <i>Eduardo Marandola Jr.</i>	21
Literatura e Ambiente: imagens do ambiente natural e humano na ficção literária portuguesa <i>Ana Cristina Carvalho</i>	35
Geografia literária da Beira: a Região segundo os seus escritores <i>Rui Jacinto</i>	41
Gândara de Carlos de Oliveira – a singularidade de um território <i>Fernanda Delgado Cravidão</i>	63
Miguel Torga e Coimbra <i>Cristina Robalo Cordeiro</i>	67
Roteiro literário Vergílio Ferreira <i>Catarina Santos</i>	71
Na Póvoa da Atalaia, em busca da geografia poética de Eugénio de Andrade <i>Fernando Paulouro Neves</i>	73
Roteiro Fernando Namora: retalhos duma vida, meandros duma obra <i>Rui Jacinto</i>	77
O turismo literário nas Terras do Demo, uma viagem corográfica pela ficção de Aquilino Ribeiro <i>Aquilino Machado</i>	105

# O TURISMO LITERÁRIO NAS TERRAS DO DEMO, UMA VIAGEM COROGRÁFICA PELA FICÇÃO DE AQUILINO RIBEIRO

AQUILINO MACHADO\*

## PRIMEIRO ANDAMENTO: O MOSAICO QUE IREMOS PERCORRER

Nos sessenta anos da morte de Aquilino Ribeiro propomos um itinerário pelas topografias das Terra do Demo, espaço fulcral da sua geografia sentimental beirão. Matizamos este percurso avaliando algumas modalidades de turismo cultural, nomeadamente as que assentam na valorização das paisagens literárias daquele escritor beirão, e que têm o condão de projetar algumas estratégias de numa paisagem que sofreu um “processo de mutação sócio económica e territorial resultante da perda de importância da actividade agrícola (agro-florestal e criação de gado) e das culturas e modos de vida rurais das sociedades camponesas” (DOMINGUES 2011: 69).

Este artigo apresenta uma estrutura de organização que entendemos concisa e eficiente. Na primeira parte aparece aquilo que podemos designar por uma breve revisitação de algumas leituras exploratórias feitas para robustecer o modelo empírico estudado. Já o andamento seguinte valoriza as topografias geográficas e literárias que a envolvem. Por fim, disseminamos um conjunto de rotas de cariz eco-temático pelos concelhos mais fortemente bafejados pela paisagem da escrita de Aquilino: Sernancelhe, Moimenta da Beira e Vila Nova de Paiva.

Obedecendo a um princípio de coerência, é possível alinhar, de antemão, algumas ideias que parecem registar de que alguns territórios literários se prestam para que a partir deles se construam algumas estratégias culturais inovadoras. Será este o mote e o objectivo do ensaio: compreender como se representa uma geografia literária, que atenha a sua estratégia turística sustentada por um conjunto de actividades que gravitam em torno das suas narrativas. O confronto entre o imaginário e a realidade física, sobretudo

enquanto processo “reconstrutivo” e descritivo (REIS 2012), é o principal propósito que pretendemos aqui desenvolver.

Em termos metodológicos, anota-se a preocupação em procedermos a uma releitura da obra de Aquilino Ribeiro usando distintas fontes bibliográficas: alguns romances e livros que colecionam crônicas de sua lavra, e onde o autor mescla o belo sabor das linhagens etnográfica, antropológica e geográfica. Mas também o pisoteio biográfico entre o escritor e a obra, que é tão relevante em Aquilino. Assim, através deste conjunto de criações literárias comparamos o jogo ficcional e a vivência real que a escrita do soube reter.

## SEGUNDO ANDAMENTO: DAS PAISAGENS LITERÁRIAS AO TURISMO LITERÁRIO

As paisagens literárias assumem-se como um dos traços mais perduráveis no desenho das nossas vidas. Fidelizam os territórios com as suas memórias e semeiam os contornos de uma ideia plena e sustentável para a sua salvaguarda.

Nalguns aspectos que vale a pena realçar, algumas destas narrativas sobrepõem-se a determinados territórios sentimentais que servem de base à criação simbólica de cenários literários. Essa identificação biografista entre o escritor e a sua obra permite desempenhar um papel resolutivo na definição e na descoberta de novos roteiros de turismo alternativo a partir das memórias guardadas pelos leitores.

D. T. Herbert (1996) relevou justamente a importância que as obras literárias e artísticas exercem na consolidação de uma estratégia de turismo cultural. A procura dos lugares mágicos, dos sítios imaginários, e a sua associação com personagens fictícias é então enfatizada por este autor quando nos fala nas paisagens literárias de escritores ingleses e irlandeses:

*In these places, a visitor can still today walk out of a house and into landscapes which have a barely changed the writer drew breath from and breathed literature into them we walk in our write's footsteps and see through their when we enter these spaces* (D. HERBERT 1996: 76)

Ora, uma das formas mais interessantes de conciliar uma estratégia de desenvolvimento territorial alicerçada na exploração de paisagens literárias, é aquela que decorre do aproveitamento das casas-museus de escritores. Correlativamente ao que é desenvolvido para a generalidade dos países europeus, elas enunciam-se através de um tratamento turístico que conseguindo aproveitar um conjunto de ações culturalmente polivalentes

alcançam a partir delas novas estratégias de preservação patrimonial. Tais assentamentos revelam contornos de maior importância quando dispostos em áreas iminentemente rurais, porque como afirma o geógrafo Álvaro Domingues o “recuo demográfico, o despovoamento e o abandono do solo agrícola” a par da perda de velhas tradições, costumes, ofícios e outras manifestações da cultura imaterial” (2011: 69) ameaçam pôr em causa o equilíbrio dos valores paisagísticos.

Para a sua reabilitação e restauro da necessária estabilidade ecológica, os projetos de dinamização cultural e turística devem assegurar que entre as paisagens literárias e as paisagens reais se afirme uma relação consistente e propiciadora do pleno aproveitamento do potencial endógeno que exista nos territórios abrangidos.

Para que tal suceda é necessário apelar à criação de uma apertada rede de cooperações, envolvendo os diversos agentes com intervenção territorial, de molde a que, sobretudo, a partir deles se construa uma reinvenção da identidade paisagística, no estribo de uma estratégia responsável e humanista.

Contudo, há quem questione o timbre de autenticidade encenado em alguns destes lugares literários, já que, tantas vezes, se enleiam em simulações e em “recorrentes jogos de artifícios da indústria do turismo”, conforme nos referem Quinteiro e Baleiro (2017), citando Mike Crang. No final de contas, estes processos reconstrutivos poderão levar a certas explicações falaciosas que tendem a ignorar “o uso individual e eclético que cada turista faz do arquivo colectivo da literatura”, como afirma Mário Lima Matos (2010).

E assim, mais do que se procurar fórmulas ocas, que parecem acompanhar algumas estratégias “pantomineiras de agora sobre a reinvenção de um mundo rural para fins de semana distraídos, espaço verde, desportos radicais, gastronomia de autor, turismo rural e aldeias típicas em formato de parque temático” (DOMINGUES 2017, 9), valerá a pena seguir o solfejo literário que se espraia na poética das cartografias imaginárias porque ele será o nosso melhor guia na errância andarilha.

É sobre os alicerces de uma destas paisagens e a sua importância como lugar de criação da escrita que em seguida nos dedicaremos.

## TERCEIRO ANDAMENTO: A TOPOGRAFIA DAS TERRAS DO DEMO: UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA E SENTIMENTAL

*Terra e céu, aspirações e apetites, espírito e matéria, anjos e demónios* (AR, “Aldeia: Terra, Gente e Bichos”, 1946)

As Terras do Demo representam um espaço geográfico matizado pela ficção de Aquilino Ribeiro, quando no ano de 1919 escreveu um romance “que baptizou essa região com o nome agora indelével” (Óscar Lopes, 1999). A destriça geográfica deste território encontra-se refletida logo na introdução, numa carta dedicada a Carlos Malheiro Dias:

*Circunscrito, adivinha-se, a indivíduos rudes, teve em mira este trabalho pintar dessas aldeias montesinhas que moram nos picotos da Beira, olham a Estrela, o Caramulo, a cernelha do Douro, e, a norte, lhes parece gamela emborcada, o monte Marão. O vale, que as explora, trata-as despicientemente por Terras do Demo (AR, Terras do Demo, 1919).*



Fig. 1. Capa da Primeira Edição do romance Terras do Demo, Livraria Bertrand. Ilustração de Abel Manta

Num outro tipo de tratamento, o geógrafo Carlos Alberto Malheiros dedica a esta paisagem um estudo valioso onde delimita os contornos geográficos catonianos integrando-a “na área planáltica da Beira que fica um pouco a norte da Cordilheira Central e tem a sudoeste a Serra do Caramulo; outros relevos, situados para norte desta, designadamente os que alguns geógrafos chamam Maciço da Gralheira (em sentido lato), separam-na da faixa litoral do país” (1985: 371). Este balanceamento geográfico da área levou o autor a rastrear uma base administrativa composta por oito concelhos, uns totalmente integrados, outros mais marginais, em maior ou menor

grau: Vila Nova de Paiva, Aguiar da Beira, Satão, Moimenta da Beira, Penedono, Sernancelhe, Meda e Trancoso.

O que é certo é que esta expressão geográfica se colou à mundividência aquiliniana, ao lograr-se no centro vital da sua visão do cosmos, usando uma bela expressão de Alfredo Margarido (1985). O *ethos* é naturalmente a aldeia montesina, que Eduardo Lourenço assinala como um mundo bárbaro e agreste, numa paisagem de imobilismo que só dialogava com o longínquo através dos almocreves como mensageiros “ou os aedos inconscientes” (1985: 18). Um isolamento que se ceifava primordialmente pela desfaçatez dos caminhos. Isto mesmo se pode verificar a dado passo em “Aldeia: Terra, Gente e Bichos”:

*A aldeia estava sequestrada do mundo por montes e fragedos intransitáveis, quando não bosques compactos. O único meio de relação consistia nas veredas tenebrosas, tortas e estreitas como barbantes, onde depois do Sol posto se passava com o credo nos lábios. Quando o vento e os lobos rompiam a ulular pelos oiteirinhos, jornadas acarretava sério risco. Barrancos, atoleiros, charcos de água eram acidades ordinários, superáveis no normal. (AR, “Aldeia: Terra, Gente e Bichos”, 1946)*

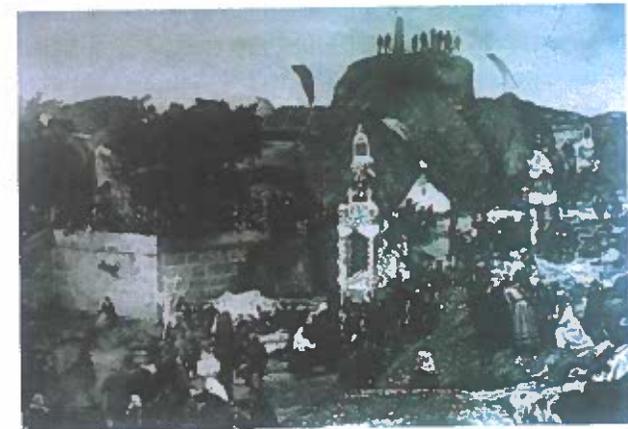


Fig. 2. Procissão do Orago, descrita nas Terras do Demo [Arquivo Aquilino Ribeiro]

Será com o macadame que a aldeia montesinha transforma gradualmente a sua paisagem humana e física. Lentamente, a insularidade “geográfica da continentalidade aquiliniana” (MOURÃO-FERREIRA 1985, 80) sofre alguns desvios, levando o apelo das suas narrativas a transmigarem para outras paragens, como os romances de localização citadina.

Mas o ponto de retorno às Terras do Demo revela-se permanente ao longo da sua vida e obra. Na verdade, o regresso à geografia da aldeia beirã será o que lhe serve de matéria-prima para construir boa parte do seu mundo romanesco. É ainda na aldeia da Soutosa, em Moimenta da Beira, que passa longas estadias anuais, de pelo menos três meses, quando recupera uma pequena propriedade que herdara de seu pai Joaquim. Ai faz o seu Parque *Kruger*, como apelida em “O Homem da Nave” (1954), e onde nos fala das suas tilias, árvores frondosas que ainda ensombram o sítio onde se situa a actual Fundação Aquilino Ribeiro (FAR), e que por ele foram plantadas, e que se tornaram num santuário privilegiado de pardais, melros, papas-figos e toda a raça miúda de bicheza alada.

Seguramente que estas temporadas na Beira Alta deram azo a uma rememoração afectiva da infância. Assim, esta “sua vida vivida deu matéria que chega” para um encadeado de três romances autobiográficos que nos falam da sua meninice e adolescência nas faldas das serras da Nave e da Lapa: “Cinco Réis de Gente” (1948), “Uma Luz ao Longe” (1948) e a “Via Sinuosa” (1918). Mas que também que se refletem em várias pedaços de outros romances, “e vários contos (...), para não falar do livro de memórias “Um Escritor Confessa-se” (LOPES 1999).

E é assim que ornamentamos uma trama ardentemente vitalista que parece transcender a sua escrita beirã. Uma vez mais, em “Aldeia, Terra, Gente e Bichos”, sentimos uma poeirada redemoinha do caleidoscópio rústico que tantas vezes se encontra emanada pelo tique-taque do tempo e do clima. Aquilino Ribeiro representa neste livro o tal quadro impressionante de isolamento. Tal insularidade parece ampliar o sabor ritmado das estações do ano, ora, amargos quando se compadeciam os “itinerários de inverno pela serra fora” (pp. 14), ora, compassivos na aclamação dos dias grandes.



Fig. 3. Aquilino Ribeiro, mulher e filho mais novo, na biblioteca de Soutosa (1944).  
[Arquivo de Aquilino Ribeiro]

Este ambiente da Beira Alta encontra-se reunido naquilo a que o autor chamou os seus “paralipómena” (LOPES 1992: 13), ou seja, um conjunto de prosas que inerentes às Terras do Demo, e que se encontram apenas em: “Aldeia” (1946); Geografia Sentimental (1951), uma parte das “Arcas Encoiradas” (1953) e ainda em “O Homem da Nave” (1954). Esta e outras obras ficcionais focam a representação da Natureza como um traço central da criação aquilina. É a ela que daremos especial atenção no próximo andamento.

## QUARTO ANDAMENTO: AS COORDENADAS TOPOGRÁFICAS DE UMA ESTRATÉGIA DE TURISMO LITERÁRIO NAS TERRAS DO DEMO

Opta-se intencionalmente pela escolha dos três municípios mais bafejados pela escrita de Aquilino, e que meandram uma imensidão de afluentes ficcionais circunscritos aos territórios ocupados pelos concelhos de Sernancelhe, Moimenta da Beira e Vila Nova de Paiva (MACHADO 2019).

É por este caminho que encetamos a nossa rota através da Fundação Aquilino Ribeiro (FAR), elo simbólico primígeno desta geografia sentimental. Uma importância que, reconheça-se, é medida pela centralidade privilegiada que assume nesta geografia literária, por força da riqueza dos recursos patrimoniais e da sua atmosfera emocional. Este lugar mantém o ambiente vivido nas suas longas temporadas de vilegiatura campestre, e pensa uma extensa biblioteca arquitectada internamente pelo escritor ao longo de uma vida de bibliófilo. Mas, malgradamente, parece recair igualmente uma atmosfera pouco condizente com a riqueza sentimental nela retida. Apesar dos esforços dos três municípios que, por definição estatutária, são os seus proprietários, agravam-se as suas dificuldades materiais, o que tem impedido de “proceder às exigidas obras de manutenção, conservação, restauro urgentes” (NETO 2022).

Isto significa que o investimento neste Lugar de Nome Aquilino, usando uma bela expressão cunhada por Óscar Lopes, lograva um alcance mais dilatado visando a revalorização do património material e imaterial existente. E por este caminho, ao aumentar o capital relacional do sítio e valorizava-se o princípio de inter-conectividade territorial, com que se procura romper a interioridade do lugar através da cooperação de ideias.

Fixemos, então, o conjunto de rotas eco-temáticas que partindo da FAR filiam as Terras do Demo.

## A ROTA ECO-TEMÁTICA DE SERNANCELHE:

A primeira tende a aproveitar o pendor da paisagem literária que se espalha pelo município de Sernancelhe, e que alcança um sentido imanente com os romances autobiográficos: “Cinco Réis de Gente” e “Uma Luz ao Longe”.

Chegados ao Carregal, deparamo-nos com o Pátio dos Sanhudos, cenário privilegiado de “Cinco Réis de Gente”. Lemos nas suas primeiras linhas: *Retrocedendo nos limbos do passado até onde a minha memória é como a lanterna dum mineiro perdido no fundo duma galeria, que vejo? Vejo no grande e desmantelado pátio fidalgo a nossa casa, de lojas para animais e habitação, com a sua obsequiosa escada de pedra e um esgrouviado sabugueiro a bater atônito nas vidraças, que deitavam para o povo, sempre o que soão soprasse o vento* (AR, “Cinco Réis de Gente”)

Não por acaso, o *incipit* parece insinuar o assombroso caldeamento do mundo natural, que se encontra abrigado nesta sua viagem ao passado de rapazinho. E ainda por lá se encontram os ciprestes “piramidais e exclamativos”, que “faziam imponente plantão aos mortos”, mas também a aura da descrição da noite de S. João com o halo das fogueiras a enrubescer aqui e além o sobrecéu cor de pérola da aldeia, ou a descrição do “Codessal” quando narra que largava de casa com o seu pai, conduzindo pela rédea a *Inácia*. Ai confessa a sua enorme estima pelos castanheiros, Diz então, que “admirava os castanheiros, é certo que de admiração subconsciente, como aos paquidermes nos panoramas zoológicos”, e que “no Codessal havia tais colossos patriarcas seguramente do reino vegetal naquelas redondezas” (AR, *Cinco Reis de Gente*, 1948).

Nesta geografia sernancelhense, a paisagem dos soutos reproduz o calendário dos trabalhos agrícolas (QUEIROZ 2009), numa espécie de glorificação cíclica da natureza que Aquilino tanto amou e também a soube retratar. Afirma que a “ciclicidade das estações, reflectindo-se particularmente no reino vegetal, deu lugar a um tal luxo de perspectivas que nos faltam olhos para distinguir os matizes novos que se vão entretecendo nos demais planos da natureza” (AR, *Arcas Encoiradas*, 1953) e isso afigura-se particularmente intenso na paisagem outonal desabrida, rezinga, coberta “com a capa de asperges de frias e rijas águas”: “Em meados de Outubro” (...) era possível verem-se já, pelos soutos mulheres a apanharem castanhas debaixo da molinha tiritando, engoiadas na capucha de burel” (AR, *Homem da Nave*, 1954). Como nos confessa também este beirão: “semear, ceifar, malhar são as três fases essenciais da vida rural, no fundo correspondentes aos três tempos de tudo o que vive e evoluciona à superfície da terra”.

E quando partimos em direção ao Santuário da Lapa, levando na mão o romance “Uma Luz ao Longe”, sabemos que o tempo de representação da paisagem literária se encontra retido perduravelmente. Na verdade, ao folhearmos este romance de formação detemo-nos na evocação da sua vivência de cinco anos no colégio (entre 1895 e 1900), numa assunção que parece revelar a importância que reteve do religioso e da força da Natureza:

*O lugarejo da Lapa, terra de padeiras, era nada mais nada menos que o produto do camartelo eclesiástico. O civil, se alguma vez ali existiu para outras funções que não fossem as de seventuário do clero, estiolou a curto prazo e feneceu. Logo à mão casa de cornija e patim alpendrado tanto podia ser a domus municipalis como o espirital dos romeiros.*

*Até o santuário com a fachada jesuítica de tope, ligado por um arco de passadiço à bisarma de pedra lavrada que era a residência da Companhia, havia duas curiosas albergarias para peregrinos e visitantes e quartéis em profusão, espécie de celas a alugar aos rústicos que vinham dealbar a alma nas semanas místicas do S. Barnabé e Espírito Santo* (AR, “Uma Luz ao Longe”, 1948).

E o mesmo sobrevém no lugar da Tabosa, para onde agora nos deslocamos, e onde se situa um Convento cisterciense, de configuração bastante arruinada, mas mantendo a igreja bastante bem conservada. No entanto, a representação imaculada desta nossa paisagem revela-se a salvo na novela “Valeroso Milagre”, inserta na “Estrada de Santiago” (1922), mas tendo tido as suas primícias editoriais em 1921, no suplemento literário nº 68 do ABC. Se é verdade que esta novela, como nos menciona Paulo Neto, se apresente agora “revista, remanejada, apurada, depurada”, não é menos certo que toda a sua configuração literária continua a revelar um espantoso cortejo cenográfico situado no Convento da Tabosa do Carregal, durante as invasões francesas, e que parece tirado de uma dramaturgia de sabor incessante. A certo passo, Aquilino dá voz a Frei José, capelão e confessor das Bernardas Descalças, que na sua inclemente defesa do Convento perante a horda de soldados franceses encontra um astucioso estratagema convocando uma tropa celeste que alumiada dava impressão profundamente marcial e a postos para o combate: – Pousai os santos às janelas, nos peitoris, as lanternas à banda dos santos e acendei-as. Acendei tudo!”. Deste “Valeroso Milagre” emana um espírito, uma intensidade tão forte que a presença física do sítio se revê nas evocações do texto e na memória dos feitos que ali terão ocorrido, servindo de base à criação simbólica de uma diuturna paisagem literária.

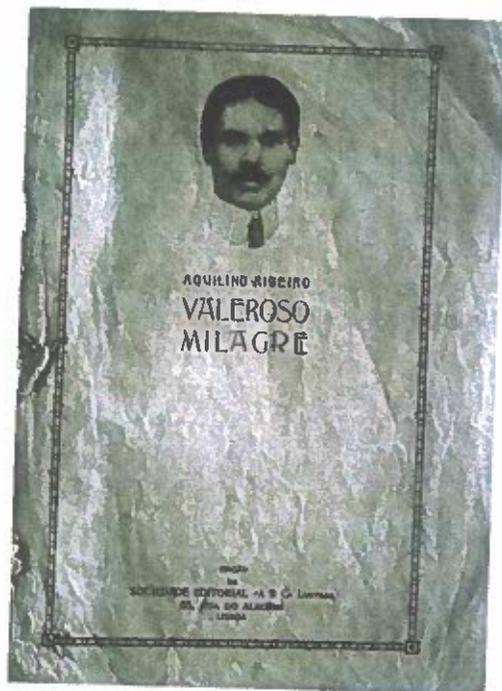


Fig. 4. O "Valeroso Milagre", edição da revista ABC, de 1921

#### A ROTA ECO-TEMÁTICA DE MOIMENTA DA BEIRA:

A segunda rota escortina a paisagem de Moimenta da Beira. É uma paisagem marcada pelo romance de 1918, "A Via Sinuosa", encenado nas faldas da serra Lapa, no Convento de São Francisco da Caria. onde tão bonita é a entre o mestre (padre Ambrósio) e o discípulo (Libório Barradas), como notável e autobiográfica é a descoberta de um chamamento ainda longínquo e informe para a vida urbana que parece acometer o personagem principal. No fundo aquilo que Serafina Martins nos diz quando escreve que a fuga de Libório do seu mundo da serra da Nave se deve a "algo tão inevitável como imperativo – o destino". Mas mesmo quando se entrega à vida urbana de Lisboa, aqui confirmada em Lápides Partidas (1945), sobrevive o lastro das serras e do padre Ambrósio.



Fig. 5. O Convento de São Francisco da Caria, onde decorre parte da narrativa de "Via Sinuosa" [Arquivo de Aquilino Ribeiro]

Mas esta topografia é igualmente golpeada pela força da natureza inclemente da serra da Nave, tão perto da geografia de penedios sâfaros, tantas vezes antropomorfizados, "assinalados por orcas, cenotáfios, campas, e mais campas inscritas nas rochas vivas"; e matizada pelo cheiro silvestre das "belas plantas da mata" que "tocam já ao eterno": "mato galego, em que entra toda a casta de arbustos, sargaço, feito, carpanta, bela luz, rosmaninho, esteva".

Percorremos, então, o quadro natural e humano, de um extenso e alto planalto de 700 a 1100 metro de altitude, em que o escritor beirão cresceu e se fez gente, e onde apurou a sensibilidade para a subtil relação que se estabelece entre o homem e as coisas e a importância que estas podem ter no seu destino. Não por acaso, somos atraídos novamente pelo rasgo impiedoso do calendário anual, aquele rigoroso e invariável tique-taque das estações que levava a que a "certa altura do ano, aí por fins de Agosto, a Natureza" mostrar-se "pálida de tons, cansada exausta à força de produzir, como uma boa matrona que deu uma dúzia de filhos à pátria". E então, "tudo na terra e nos céus prenuncia o Outono".



Fig. 6. A Serra da Nave: penedios safaros, tantas vezes antropomorfizados [Arquivo de Aquilino Ribeiro]

#### A ROTA DE ECO-TEMÁTICA DE VILA NOVA DE PAIVA

Partamos agora em direção a Vila Nova de Paiva, a antiga barcelos do Malhadinhas. Neste itinerário sentimental que nos faz passar pelos povoados de Peva e Alhais, folheamos saborosas páginas de “Geografia Sentimental”, que nos transportam para uma larga carreira, já desaparecida, “sombreada das mais lindas carvalhas que jamais houve em Portugal. Tão gigantescas eram que tinham cada uma delas vários donos como os logradouros nas malhadas”. Nos Alhais, terra dos Manos Monteiro, republicanos e amigos fraternos de Aquilino, “com raízes entre os girondinos”, deparamo-nos com a Igreja Matriz onde o escritor foi levado ao baptistério. Finalmente, Vila Nova de Paiva, a “Barcelos, crismada, no dizer do Malhadinhas” (AR, Geografia Sentimental, 1951). Nele se insinua a Feira de Barcelos, de periodicidade quinzenal, lugar de desvelo e veneração do nosso ficcionista. Uma feira da Rua, admirável e sonora. Tonitruante e vitalista, como a escrita de Aquilino.

A Fundação Aquilino e as Rotas eco-temáticas	Topografias Literárias	Topografias Emocionais	Recursos Naturais e Patrimoniais
Fundação Aquilino Ribeiro (FAR)	“O Homem da Nave”	Lugar de vilegiatura campestre de Aquilino Ribeiro	A Casa-Museu e Biblioteca
Rota eco-temática de Sernancelhe	“Cinco Réis de Gente” e ----- “Uma Luz ao Longe” ----- “O Valeroso Milagre” ----- “Arcas Encoiradas” e “Homem da Nave”	O carregal, o pátio onde terá nascido Aquilino Ribeiro e onde vive até aos 10 anos;  O colégio da Lapa, frequentado por Aquilino, entre 1895 e 1900.  A contiguidade geográfica da Tabosa com o Carregal	O Pátio dos Sanhudos, no Carregal  O Convento do Freixinho ----- O Santuário da Lapa ----- O Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa ----- A Paisagem dos Soutos
Rota de Vila Nova de Paiva	O Malhadinhas	Os Alhais, lugar de baptismo de Aquilino Ribeiro A Feira de Barcelos, lugar de peregrinação quinzenal de Aquilino	Igreja Matriz dos Alhais O Convento de São Francisco da Caria
Rota de Moimenta da Beira	“A Via Sinuosa” “A Geografia Sentimental” “O Homem da Nave” “Aldeia”	A geografia da Serra da Nave “Aldeia”	A Serra da Nave

Quadro I. Síntese da Paisagem Literária das Terras do Demo

#### QUINTO ANDAMENTO: UM SOPRO PARA NADA CONCLUIR

Por fim: um sopro para nada concluir, e tudo deixar em aberto, no que respeita a uma estratégia integrada de Turismo Literário nas Terras do Demo. A primeira nota que importa reter prende-se com a dimensão literária das Terras do Demo, e o modo como facilmente conseguimos captar a narrativa secreta e mágica que continua subjacente na atmosfera deste Lugar de criação da escrita.

“A História falará de nós nas obras que deixarmos”, afirma Agustina Besa Luis. É essa atmosfera que permanece bem viva para todos aqueles que visitam esta paisagem de Aquilino.

No fundo, ao pormos todo o realce no património material e imaterial, estamos a concorrer para uma reinvenção da identidade paisagística das Terras do Demo. E a preservar uma paisagem literária que, como “dizia um velho clássico grego, constitui uma riqueza arrecadada para todo o nosso sempre” (LOPES 1999).

## REFERÊNCIAS

- CORREIA A. (2003). *Viajar com Aquilino Ribeiro*. Vila Nova de Gaia: Delegação Regional da Cultura do Norte.
- DOMINGUES Á. (2017). *O Rebelde Crónico*. Prefácio da edição “O Homem da Nave”. Lisboa: Bertrand Editora.
- DOMINGUES Á. (2011). *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora.
- FERREIRA D-M. (1985). “Notas sobre a “continentalidade” de Aquilino”, *Revista Colóquio Letras*, Número 85, Maio de 1985, pp. 73-80. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HERBERT D. (1996). “Artistic and Literary Places in France as Tourist Attractions”, in *Tourism Management*, Vol. 17, nº 2, pp. 77-85.
- MACHADO A. (2019). “Um zelador de uma paisagem como lugar de criação da escrita”. Prefácio inserido em *Aquilino Ribeiro e as Terras do Demo*, de Paulo Pereira Pinto, Viseu: Edições Esgotadas.
- MARGARIDO A. (1985). “A aldeia, centro vital da visão do mundo de Aquilino Ribeiro”. *Revista Colóquio Letras*, Número 85, Maio de 1985, pp. 32-43. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MEDEIROS C. A. (1985). “Terras do Demo. Aspectos Geográficos”. *Beira Alta*. Volume XLIV. Fascículo 3, pp. 369-388. Viseu: Assembleia Distrital de Viseu.
- NETO P. (2022). “Andando, Andando Estrada de Santiago fora”, Introdução à Edição *Estrada de Santiago*, pp. 7-20. Lisboa: Bertrand Editora.
- LOPES Ó. (1999). “Um lugar de nome Aquilino”. in *5 motivos de Meditação*. Campo das Letras.
- LOURENÇO E. (1985). “Aquilino ou as duas aldeias”. *Revista Colóquio Letras*, Número 85, Maio de 1985, pp. 15-21. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- QUEIROZ A. I. (2009). *A Paisagem de Terras do Demo*. Lisboa: Esfera do Caos.
- QUINTEIRO S. & BALEIRO R. (2017). *Estudos em literatura e Turismo. Conceitos fundamentais*.
- REIS C. (2012). Lisboa como paisagem. *A cidade Segundo Fradique Mendes*. *Colóquio Letras*, Número 179, Janeiro/Abril 2012, pp. 19-31. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

### Obras de Aquilino Ribeiro, edição citada

*Estrada de Santiago* (2022). Lisboa: Bertrand Editora

*O Homem da Nave* (2017). Lisboa: Bertrand Editora

*Arcas Encoiradas* (1953). Lisboa: Livraria Bertrand

*Geografia Sentimental* (1951). Lisboa: Livraria Bertrand

*Uma Luz ao Longe* (1948). Lisboa: Livraria Bertrand

*Cinco Réis de Gente* (1948). Lisboa: Livraria Bertrand

*Aldeia, Gente e Bichos* (1946). Livraria Bertrand

*A Via Sinuosa* (1918). 1ª Edição. Lisboa: Livraria Bertrand

*As Terras do Demo* (1919). 1ª Edição: Lisboa: Livraria Bertrand



*no interior:*

Roteiro Eduardo Lourenço: Rotas Literárias, Itinerários Culturais

Leituras de Eduardo Lourenço: Nós como Futuro

Eduardo Lourenço: Vida e Obra de um Heterodoxo

Algumas Leituras da Europa em Eduardo Lourenço

Eduardo Lourenço: Um Tempo Brasileiro Breve, mas Duradouro

Eduardo Lourenço: Prémio e Centenário

CEI. Atividades 2023

*Eduardo Lourenço*

